

13 e 14/10/09 - Aborto clandestino mata 70 mil mulheres por ano

Os diversos dados divulgados no relatório da pesquisa realizada pelo Instituto Guttmacher, dos EUA, receberam destaques diferenciados na imprensa. Alguns veículos, como o site BBC Brasil e o Jornal da Tarde optaram por destacar a constatação de que leis restritivas não reduzem o número de abortos.

Nº de abortos é parecido no mundo



Países que permitem a interrupção da gravidez têm taxas de aborto quase idênticas daqueles que possuem leis restritivas. A constatação é do Instituto Guttmacher (EUA), que indica que a diferença é que nos países onde o aborto costuma ser ilegal os riscos são maiores. No Brasil, 49% dos nascimentos não foram planejados e 23% são indesejados. O número de abortos permaneceu inalterado na última década.

Uma questão de saúde pública

Já a notícia publicada por O Globo reproduziu matéria da Reuters assinada pela jornalista inglesa Kate Kelland, que optou por iniciar seu texto assim: “A difusão de anticoncepcionais reduziu a taxa de abortos no mundo, mas a prática ainda mata 70 mil mulheres por ano e causa danos ou sequelas em milhões de outras”.

O estudo analisou 197 países e concluiu que a taxa de abortos no mundo vem caindo graças a uma redução no número de interrupções feitas legalmente nos países desenvolvidos. Segundo a pesquisa, o número de abortos passou de 45,5 milhões, em 1995, para 41,6 milhões, em 2003. Isso significa que a taxa de abortos caiu de 35 para 29 para cada mil mulheres em idade reprodutiva (15 a 44 anos).

Tanto a matéria da BBC Brasil como a do Globo mencionam as diferenças entre as taxas em países pobres e ricos: em 2003, quase 85% dos abortos ocorreram em países em desenvolvimento.

Nos países desenvolvidos, a taxa de interrupções da gravidez feitas legalmente passou de 35 para 24 em cada grupo de mil mulheres nos oito anos observados, o que quer dizer que 3 milhões de mulheres não tiveram que passar por situações de gravidez indesejada e aborto. Já nos países em desenvolvimento, as mudanças nesse período foram muito menores. As interrupções feitas de maneira legal passaram de 16 para 13 para cada grupo de mil mulheres, enquanto os procedimentos realizados clandestinamente, e na maioria das vezes de forma insegura, passaram de 18 para 16.

“Existe uma forte evidência de que dar às mulheres o poder e os meios de decidir por elas mesmas quando ficar grávida e quantas crianças ter”, disse Sharon Camp, do Instituto Guttmacher, “reduz significativamente as taxas de gravidez indesejada e a necessidade do aborto”.

Uma questão econômica

O Instituto Guttmacher aponta também um fator econômico: tratar as complicações de um aborto custa em média US\$ 130 na América Latina, onde são feitos 4 milhões de abortos por ano, sendo que apenas 200 mil realizados em condições adequadas (a maioria em Cuba, Porto Rico ou Guiana, onde a interrupção da gravidez é permitida de forma ampla).

Ainda segundo o Instituto, na Nigéria, por exemplo, enquanto os custos para tratar mulheres com complicações resultantes de abortos malfeitos seriam de aproximadamente US\$ 19 milhões por ano, bastariam US\$ 4,8 milhões para fornecer anticoncepcionais a todas as mulheres que os desejassem.

Brasil na contramão

A matéria da BBC Brasil incluiu um parágrafo para falar sobre a situação do aborto no país:

No Brasil, tentativas por uma maior flexibilização do procedimento, hoje permitido apenas em casos de estupro e risco de morte da mãe, não têm conseguido avançar no Congresso - embora seja conhecida a posição favorável do ministro da Saúde, José Gomes Temporão, para quem a abertura em relação ao tema é uma "tendência mundial" e apenas "questão de tempo" no Brasil.

Acesse as matérias na íntegra em pdf: [BBC Brasil - 13/10/09](#) e [O Globo - 14/10/09](#)

Indicação de fontes:

Cristião Fernando Rosas - médico ginecologista e obstetra

[Febrasgo](#) e Hospital Cachoeirinha

São Paulo/SP

(11) 3259-7599 / 9236.6894

cristiao@terra.com.br

Fala sobre: serviços de violência sexual (aborto legal); aborto do ponto de vista médico; prevenção ao aborto inseguro no Brasil

Margareth Arilha - psicóloga e coordenadora da CCR

[CCR - Comissão de Cidadania e Reprodução](#)

São Paulo/SP

(11) 5575-7372

arilha@hotmail.com

Fala sobre: direitos reprodutivos e direito ao aborto

Maria José Rosado Nunes - socióloga e professora da PUC/SP

[Católicas pelo Direito de Decidir/Brasil](#)

São Paulo/SP

(11) 3541-3476

mjrosado@terra.com.br

Fala sobre: direito ao aborto, aspectos filosófico, moral e religioso; pensamento católico

Sonia Corrêa- cientista política; coordenadora do SPW; pesquisadora da ABIA

[Sexuality Policy Watch](#) e [ABIA \(Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS\)](#)

Rio de Janeiro/RJ

(21) 2223-1040

scorrea@abi aids.org.br

Fala sobre: direito ao aborto; cenário internacional, ONU e direito internacional

Campanha Paixão pela Vida

Essa campanha resultou de uma coalizão sem precedentes de radialistas de toda a América Latina para mobilizar a população contra a propagação do HIV/Aids e reduzir o estigma e discriminação contra os/as soropositivos/as.

Trata-se de uma campanha com plataformas múltiplas, lançada em outubro. Os materiais da campanha levam ao site bilíngüe <http://www.paixaopelavida.org> / <http://www.pasionporlavida.org> que contém informações e depoimentos pessoais sobre o HIV/Aids. No site, há também entrevistas com os protagonistas da campanha e aplicações interativas, como jogos e enquetes.

“A campanha Paixão pela Vida será, sem dúvida, uma contribuição importante na redução do estigma e da discriminação às pessoas que vivem com HIV, ao mostrar, brevemente, histórias de vida, de pessoas como as que a gente pode se cruzar, também brevemente, pela rua. Ao mesmo tempo, mostra uma associação estratégica em ação e uma responsabilidade corporativa, aderindo importantes meios de comunicação aos esforços

regionais e nacionais, para reduzir o impacto do HIV/Aids”, disse Javier Hourcade Bellocq, representante regional da Aliança Internacional para o HIV/Aids.

12/10/09 - Mais mulheres no poder na Procuradoria Geral

Há pouco mais de dois meses no cargo, o procurador-geral da República Roberto Gurgel vem chamando atenção ao designar mulheres para postos-chaves no Ministério Público Federal (MPF).

Segundo a reportagem do Correio Braziliense, primeiro foi a escolha da subprocuradora Deborah Duprat para vice-procuradora-geral da República, após ela ter ocupado a chefia do Ministério Público durante 20 dias. Depois foi a vez da subprocuradora Sandra Cureau, designada para atuar como vice-procuradora-geral eleitoral. Em meados de outubro, a subprocuradora Ela Wiecko foi eleita corregedora-geral do MPF após um apelo pessoal de Roberto Gurgel para que ela se candidatasse.

O MPF em números

Conforme apurou a reportagem, pela primeira vez na história do MPF três mulheres ocupam postos de destaque na carreira; contudo:

“Apesar do recente destaque, as mulheres estão longe de serem maioria na carreira e, por lá, jamais chegaram a comandar a instituição. Dos 922 integrantes da ativa, 269 são do sexo feminino 29,17% do total. Em outros dois ramos do Ministério Público da União, a situação é bem diferente. No Ministério Público do Trabalho (MPT), as mulheres representam quase metade dos membros. Elas são 317 de 649 integrantes. O Ministério Público Militar, por sua vez, tem 75 integrantes, dos quais 29 mulheres (38,66%). Por designação de ex-procuradores-gerais da República, uma mulher chefiou o MPT e quatro, o ramo militar.”

Estratégia

Três subprocuradores procurados pela reportagem do Correio afirmaram que a ascensão das mulheres aos cargos é uma decisão estratégica do procurador Roberto Gurgel de se cercar de aliados em postos-chaves, o que é uma prática comum na gestão do órgão. A matéria explica que, “por terem independência funcional, os procuradores não têm chefe e podem, em tese, opinar em processos e abrir investigações caso considerem conveniente. No entanto, é o procurador-geral quem tem o poder de, na cúpula da instituição, designar quem atua no Supremo e no Tribunal Superior Eleitoral, por exemplo. Ao colocar pessoas afinadas com ele nesses cargos, Gurgel se livra de surpresas”.

Acesse a matéria na íntegra em pdf: [Correio Braziliense - 12/10/09](#)

Indicação de fontes:

Albertina Costa - socióloga, pesquisadora sênior e integrante do CNDM
[Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas / CNDM \(Conselho Nacional dos Direitos da Mulher\)](#)

São Paulo/SP

11 3723-3116 / 3721-4511, r. 3087 / 9330-5450

acosta@fcc.org.br

Fala sobre: pesquisas de gênero; participação das mulheres na política

Fátima Pacheco Jordão - socióloga e especialista em pesquisas de opinião
[Cultura Data/TV Cultura](#) e [Instituto Patrícia Galvão](#)

São Paulo/SP

11 2182-3102 / 2182-3135 / 9423-9402

fpjordao@tvcultura.com.br

Fala sobre: pesquisas; participação das mulheres na política

Guacira de Oliveira - socióloga

[Cfemea \(Centro Feminista de Estudos e Assessoria\)](#)

Brasília/DF

61 3224-1791 / 9984-5616

guacira@cfemea.org.br

Fala sobre: mulheres na política; bancadas femininas no Parlamento

Schuma Schumaker - pesquisadora

[Redeh \(Rede de Desenvolvimento Humano\)](#) e [Instituto Patrícia Galvão](#)

Rio de Janeiro/RJ

21 2162-1704 / 9999-9122

schuma@redeh.or.br

Fala sobre: mulheres na política

11/10/09 - Mulheres negras, por Bia Abramo

Em sua coluna na Ilustrada, a pesquisadora e especialista em TV e dramaturgia destaca o fato inédito de que, das três novelas da TV Globo que estão no ar, duas terem protagonistas negras.

“De qualquer lado que se escolha, não deixa de ser notável. Salvo engano, é mais um daqueles momentos nunca antes na história deste país”, destaca a colunista do caderno Ilustrada, da Folha de S.Paulo.

E ela arrisca que esse fenômeno “parece sugerir uma outra coisa: a constatação de que a televisão, hoje, como fala para uma gente cada vez mais diversa, em todos os sentidos, tem de se abrir para essa diversidade”. E Bia Abramo cita dados da última PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios) do IBGE, que revelou que os televisores estão presentes em 95% dos lares brasileiros.

E a colunista encerra seu artigo com o seguinte comentário: “Os tempos são, evidentemente, outros e os desafios teledramatúrgicos não serão assim tão simples de resolver. Entretanto, prestar uma atenção inteligente e sensível à diversidade pode ser uma maneira de dar algumas dentro.”

[Acesse esse artigo em pdf \(Folha de S.Paulo - 11/10/09\)](#)

Para repercutir e ouvir especialistas nesse tema, indicamos as seguintes fontes:

Esther Hambúrguer - pesquisadora

Escola de Comunicação e Artes da USP

<http://www.eca.usp.br/novo/index.htm>

São Paulo - SP

(11) 3085-4945 / 9230-7774

Fala sobre: TV; dramaturgia; mídia

Sueli Carneiro - educadora

Geledés Instituto da Mulher Negra

<http://www.geledes.org.br>

São Paulo - SP

(11) 3726-8180 / 3333-3444 e 3331-1592 (Geledés)

scarnei@uol.com.br

Fala sobre: direitos das mulheres; racismo

08/10/09 - Direito de escolha - por Anna Veronica Mautner

A psicanalista e colunista do caderno Equilíbrio da Folha de S.Paulo defende em seu artigo o posicionamento de que a mulher que se descobre grávida com um feto anencéfalo deve ter o direito de decidir se interrompe ou não essa gestação:

“Que resolva cada grávida de anencéfalo o que ela quer fazer.

Não proponho aborto obrigatório. Proponho livre escolha.”

[Acesse esse artigo em pdf \(Folha de S.Paulo - 08/10/09\)](#)

Ciclo de seminários “A Construção de Indicadores do Direito à Comunicação no Brasil” - 11 e 24/11/09

Realização: Unesco, Intervozes, LapCom/UnB e Netcon/UFRJ

Locais: UnB, Brasília (DF), em 11/11/09; e USP, São Paulo (SP), em 24/11/09

Informações e inscrições indicadorescomunicacao@gmail.com

A parceria entre Intervozes, Unesco, Laboratório de Políticas de Comunicação da Universidade de Brasília (LapCom/UnB) e Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação e Consciência da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Netcon/UFRJ), prevê a realização de três seminários para debater propostas para a construção de instrumentos que mensurem a pluralidade de vozes no Brasil.

O primeiro seminário foi realizado no Rio de Janeiro, em 28 de setembro, e contou com a participação de cerca de 80 pessoas, entre estudantes, professores universitários e membros de organizações governamentais e não-governamentais que atuam na área de comunicação.

Esse ciclo de seminários representa também uma contribuição para os debates na 1ª Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), que acontecerá de 1 a 3 de dezembro de 2009 e cujas etapas preparatórias estão ocorrendo em todos os estados brasileiros.

As propostas apresentadas até o momento podem ser acessadas em <http://sites.google.com/site/direitoacomunicacaoindicadores>

Palestra Fátima Jordão - mídia, gênero e opinião pública

Fátima Pacheco Jordão, especialista em opinião pública, apresenta dados de pesquisas eleitorais realizadas em 2008, analisa a percepção do eleitorado brasileiro e comenta o caso das eleições norte-americanas, com a vitória de Obama sobre Hillary Clinton nas primárias do Partido Democrata.

Parte 1

Parte 2

[Assista à palestra de **Érico Firmo**.](#)

[Assista à palestra de **José Eustáquio Diniz Alves**.](#)

[Assista à palestra de **Tereza Cruvinel**.](#)

[Confira a cobertura completa do seminário.](#)

Palestra Tereza Cruvinel - mídia, gênero e opinião pública

Tereza Cruvinel, presidente da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), defende o voto em lista fechada como forma de eleger mais mulheres e comenta o protagonismo das candidatas nas eleições municipais de 2008.

[Assista à palestra de **Érico Firmo**.](#)

[Assista à palestra de **José Eustáquio Diniz Alves**.](#)

[Assista à palestra de **Fátima Pacheco Jordão**.](#)

[Confira a cobertura completa do seminário.](#)

Palestra José Eustáquio Diniz Alves - mídia, gênero e opinião pública

A participação das mulheres na política brasileira é uma das mais baixas do mundo. **José Eustáquio Diniz Alves**, demógrafo e vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), apresenta dados contundentes sobre a participação feminina na política no Brasil e no mundo.

[Assista à palestra de **Érico Firmo**.](#)

[Assista à palestra de **Tereza Cruvinel**.](#)

[Assista à palestra de **Fátima Pacheco Jordão**.](#)

[Confira a cobertura completa do seminário.](#)

Palestra **Érico Firmo** - mídia, gênero e opinião pública

As palestras da mesa intitulada Mídia, Gênero e Opinião Pública: As Mulheres nas Eleições de 2008 foram ministradas no seminário **A Mulher e a Mídia 5**, realizado no Rio de Janeiro, em novembro de 2008.

Érico Firmo, editor-adjunto do jornal “O Povo”, de Fortaleza (CE), fala sobre o processo eleitoral para a prefeitura da capital cearense em 2008, onde houve polarização entre duas mulheres: Luizianne Lins e Patrícia Saboya.

[Assista à palestra de José Eustáquio Diniz Alves.](#)

[Assista à palestra de Tereza Cruvinel.](#)

[Assista à palestra de Fátima Pacheco Jordão.](#)

[Confira a cobertura completa do seminário.](#)